



Catarina Sarmento e Castro

Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes

**Intervenção da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes,
Catarina Sarmento e Castro, por ocasião das comemorações do Dia Internacional da
Mulher no Exército e da visita à Escola de Sargentos do Exército**

Escola de Sargentos do Exército, Caldas da Rainha, 08 de março de 2020

Esta é a primeira cerimónia relativa ao Dia Internacional da Mulher a que tenho a honra de presidir na Defesa Nacional. É com muito gosto que o faço, aqui, na Escola de Sargentos do Exército, nesta que é também a região dos meus afetos.

Sendo uma mulher na Defesa Nacional e estando diretamente envolvida com as questões relativas à Igualdade, esta efeméride é-me particularmente querida.

A igualdade entre homens e mulheres é um imperativo constitucional da nossa sociedade democrática, que se tem traduzido em avanços significativos para todos, ao longo das últimas décadas.

Isso significou, por exemplo, que as mulheres puderam ingressar nas Forças Armadas, significou que muitas civis integraram os quadros das Forças Armadas, constituindo uma base de enorme valor para as instituições. Significou, num outro exemplo de medida amiga da igualdade, que mais homens passaram a gozar das licenças de parentalidade e puderam, assim, desempenhar um papel mais presente na vida familiar – uma parte onde as mulheres continuam a despender mais horas de trabalho do que os homens.

É, contudo, necessário dizer que, se as barreiras objetivas foram sendo removidas, as barreiras invisíveis permanecem ainda em toda a sociedade e logo, por isso mesmo, também na Defesa Nacional e na perceção que delas se tem. Há aspetos que estão tão normalizados na nossa sociedade que não nos apercebemos deles como formas de discriminação.

Num texto inspirador intitulado “A (des)igualdade de género e o (des)equilíbrio de poder”, publicado no jornal Expresso, no passado dia 03, o Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, lembrava que “a igualdade de género é, fundamentalmente, uma questão de poder”. Em democracia, reforçar o papel das mulheres é certamente contribuir para uma sociedade mais justa e equilibrada, onde ninguém perde e todos ganham.

Do ponto de vista específico da missão da Defesa Nacional, a resposta às ameaças do nosso tempo exige-nos a mobilização de todos os talentos à nossa disposição. As formas atuais de fazer a guerra e de construir a paz não se coadunam com critérios meramente físicos ou biológicos. Elas requerem toda a nossa capacidade no âmbito tecnológico, no âmbito da psicologia social, no âmbito da gestão administrativa, entre muitos outros. E para todos eles podem contribuir as mulheres, com as suas competências.

No ano em que celebramos os 20 anos da Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre Paz Mulheres e Segurança, esta é mais uma oportunidade de entender o contributo de enorme valor que um olhar mais atento às mulheres pode dar para um mundo mais pacífico. Incluir mais mulheres em missões internacionais e nos processos de paz traduz-se em processos mais sustentáveis. Proteger mulheres e raparigas em situações de conflito facilita a reconciliação e impulsiona a recuperação das sociedades, como as Nações Unidas reconhecem.



É, portanto, convictos da validade indisputável destes argumentos que, na Defesa Nacional, nos temos comprometido em avançar uma agenda progressista em matéria de igualdade entre homens e mulheres. Como assinalou o Sr. Ministro na sua intervenção do passado dia 03, aquando da cerimónia evocativa deste dia pelo Ministério, queremos uma Defesa Nacional “pioneira da igualdade também para as novas gerações”.

Apresentámos nessa ocasião o Gabinete da Igualdade da Defesa Nacional e urjo a todos que aproveitem esta nova ferramenta para densificar o trabalho em torno do Plano da Igualdade.

Também de grande relevância será a conclusão do processo de nomeação da rede de Assessores de Género dos Ramos das Forças Armadas.

Igualmente importante é avançar com o contínuo alinhamento e revisão das estratégias de comunicação e a procura de soluções substantivas no que toca à disponibilização de equipamentos que facilitem a conciliação da vida familiar e profissional, por exemplo.

Em marcha está também o Prémio Igualdade da Defesa Nacional, cujas candidaturas terminam já no final deste mês de março, e que procura premiar aqueles e aquelas que mais têm feito para avançar esta causa na Defesa e deixo o desafio para que concorram e deem visibilidade ao que de melhor se faz.

Os Ramos das Forças Armadas têm dado mostras do seu esforço no sentido de se alcançar umas Forças Armadas inclusivas e que recusam formas de discriminação.

Quero, por isso, saudar a iniciativa do Exército de celebrar este dia e agradecer a todas as chefias deste ramo das Forças Armadas pelos passos que têm dado na promoção da Igualdade. A adoção da diretiva do Exército para a integração da perspetiva de género mostra bem do empenho do Sr. General Nunes da Fonseca e da sua equipa neste tema.

Caro Sr. General Chefe de Estado-Maior do Exército,

Caro Sr. Comandante da Escola de Sargentos do Exército,

A Escola de Sargentos do Exército, herdeira de uma nobre e longa tradição, acolhe-nos hoje para esta cerimónia e agradeço a todos a hospitalidade. A presença de variadas entidades autárquicas e de outros elementos da comunidade em que esta Escola se insere revela bem da ligação profunda mantida com esta Unidade Militar.

Dar a conhecer a Defesa Nacional é um desígnio do nosso trabalho que concorre diretamente para um melhor e mais eficaz recrutamento de efetivos. A igualdade também é uma questão de efetivos, também é uma questão de proximidade à sociedade.

Por isso, o desafio não poderia deixar de ser para que esta Escola de Sargentos procure sempre melhorar os níveis de recrutamento e retenção de mulheres nas Forças Armadas.

A história do nosso país muito deve à cidadania ativa dos Sargentos do Exército, sempre inspirados por ideias de liberdade, de patriotismo e de progresso. Esse sentido de responsabilidade que tem inspirado quem por aqui tem passado deve continuar a guiar-nos.

Os Sargentos do Exército são um importante elemento de coesão no Exército. Entre outros, os seus elevados níveis de especialização técnica, e as provas dadas em teatros nacionais e internacionais, devem orgulhar-nos a todos.

E a presença de mais mulheres como Sargentos do Exército só pode resultar num contributo ainda mais atual, mais válido e mais empenhado desta categoria de militares para a nossa sociedade.

Concluo reiterando o empenho do Sr. Ministro da Defesa e o meu próprio na identificação das melhores políticas de igualdade, que melhor sirvam a Defesa Nacional e Portugal.

Podem contar connosco.

Muito obrigada.